

## Resenha

### **Comunicação Digital na era da participação** (FERRARI, Pollyana. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016. 210p.)

Naiane ALMEIDA<sup>1</sup>

O avanço tecnológico sofrido ao longo do tempo proporcionou mutações no modo tradicional de comunicação. As novas linguagens que chamamos de mídias transformou o pensar e agir comunicacional em um ato participativo deixando de lado o modo passivo marcante nos meios de massa. São justamente alguns desses panoramas mutacionais que veremos no livro **Comunicação Digital na era da participação**, de Pollyana Ferrari, lançado em 2016 em formato *e-book* (gratuito) e impresso (pago) pela Editora Fi. Neste livro Pollyana e alguns convidados especialistas irão discorrer sobre a mudança participativa da comunicação proporcionada pela da reconfiguração das mídias. Ferrari também contribuiu com a discussão dos capítulos escritos por seus convidados, introduzindo textos iniciais repletos de exemplos e teorias que confabulavam com a dissertação dos mesmos.

O livro é dividido em 8 capítulos, além dos tópicos de prefácio, introdução e conclusão discorrendo sobre os diferentes aspectos e modos de comunicação e participação inseridos no meio digital. Importante destacarmos o prefácio escrito pela importante pesquisadora em comunicação Lúcia Santaella, trazendo uma breve explicação da mudança interacional da comunicação experimentada pela passagem dos meios de massa a essa nova era de inteligência computacional. “De uma máquina que mastigava números, transformou-se em uma metamídia com potenciais inauditos de acesso, interação e comunicação.” (p.12).

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação - PPGC/UFPB. Integrante do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas (Gmid/PPGC). E-mail: naianealmeida.nba@gmail.com

Na introdução temos um resumo da análise que veremos nos capítulos seguintes e um adendo sobre a importância de uma boa seleção musical na realização e produtividade das atividades, por isto vemos em todo o livro a inserção de boxes musicais que convergem com o assunto da leitura de cada capítulo e segundo a autora tem a intenção de tornar a leitura mais lúdica e fluída. Seguimos, portanto para o capítulo 1, “A Hipermídia criou o corpo social”, onde Ferrari explora o modo como a tecnologia transforma os hábitos da sociedade. Discorrendo sobre a trajetória comunicacional do século XX, sua distância com a realidade dessa nova utopia cognitiva do cotidiano, a desterritorialização da escrita que caracteriza a criação da hipermídia, o *design thinking* e as diferenças entre o público *versus* privado no mundo digital. No capítulo 2, “Jornalismo em base de dados”, a convidada Rita Paulino discute sobre as tecnologias envolvidas no processo de extração e coleta de dados e a atuação da interação das comunidades de compartilhamento da internet. Paulino afirma que a internet é um lugar privilegiado para a condução de discussão entre diferentes públicos e assuntos gerais e políticos em vários sentidos de expressão.

Demonstrando as melhores maneiras de lidar com o imenso acúmulo de dados difundidos na rede. Paulo Henrique Ferreira nos insta a refletir no capítulo 3, “Curadoria de conteúdo: o futuro das marcas, sobre o papel dos *publishers*, gestores de canais e plataformas de conteúdo, a transformação das agências de publicidade em curadorias e a centralização da oferta de conteúdo digital nos processos de consumo da marca. “O vídeo depois da chegada do youtube”, título do capítulo 4, Pollyana Ferrari introduz a discussão falando um pouco sobre a transmídia utilizada pelos Wachowski na trilogia Matrix e na série *Sense8*, enquanto que o convidado Stanley Teixeira mostra um apanhado sobre a evolução da TV após a chegada do Youtube e a mudança no padrão da interatividade fundamentado nas mídias móveis sugerindo “uma remodelação de audiência e evidencia a necessidade de que os grandes grupos de mídia repensem suas estratégias de comunicação.” (p.97)

É nesse contexto que podemos visualizar inserção das narrativas transmidiáticas em conjunto com a participação ativa do público consumidor. No capítulo 5, “Leitura em telas”, Amando Porto mostra como a forma da absorção das notícias mudou com a

rede social Facebook, pois “as experiências comportamentais resultantes da interação entre usuários e Facebook dão sentido a constante evolução do produto e servem como justificativa para um aprimoramento do na mediação tecnológica entre notícia e usuário.” (p.118).

Utilizando personagens fictícios como representação da sociedade cotidiana e histórias de personagens reais, no capítulo 6, “Choque das gerações”, Ferrari visa demonstrar as distintas formas de consumo de dados entre as idades e a evolução das próteses tecnológicas. Ela afirma que a velocidade de dados aumenta a cada dia que passa assim como o envelhecimento da população mundial. Isso acaba por ocasionar ruptura entre as gerações na questão de conhecimento e uso das mídias, pois vivemos em um mundo altamente conectado onde nada se perde e a geração mais antiga muitas vezes tem dificuldade em acompanhar essa era de participação tão comum aos mais novos. O capítulo 7, “Empreendedorismo Digital” o autor convidado Leandro Beguoci disserta sobre o jornalista empreendedor, explanando que a forma de transmitir a notícia está interligada a mutação tecnológica das mídias e cabe ao jornalista o papel de materializar as notícias e informações em compatibilização com essa mudança. Além do mais, isso não significa o esquecimento das mídias tradicionais, pois até mesmo o tradicional é passível de inovação, basta ao jornalista identificar os problemas e oportunidades, buscando “a ponte entre as grandes ideias e as ferramentas que atualizam essas ideias”, pois eles “são capazes de enxergar o que precisa ser mudado para que a essência das coisas continue servindo às pessoas.” (p.152).

No capítulo 8, “Financiamentos Coletivos e a era da participação” as convidados Greicy Villegas e Tamiris Cardoso dos Santos refletem como o conhecimento é a base e a força produtiva por trás do *crowdfunding*, ou seja, o princípio da troca de recompensas vigente nas plataformas de financiamento coletivo motivando-o no ato de ajudar ao próximo, sentimento ligado ao fato da perda da passividade, pois o consumidor agora é parte integrante de um sistema colaborativo daquilo que realmente acredita. Na última parte do livro temos a “Conclusão” onde vemos a síntese dos principais pontos de aprendizado concedidos a partir da discussão de Pollyana Ferrari e seus convidados.

O livro *Comunicação Digital na era da participação* se destaca pelo seu caráter dinâmico, simples e direto, tornando-se uma leitura leve, mas completamente indispensável para quem vem estudando sobre a cultura da participação. Composto por muitos exemplos de análise de casos que demonstram na prática aquilo presente na teoria de muitos autores complementando o entendimento desse mundo de evolução, interação e conexão que a reconfiguração das mídias transformou a comunicação tradicional das massas. A midiaticização do ser humano é um reflexo da digitalização e virtualização das formas de comunicação presentes no cotidiano, que a cada vez mais vão sofrendo mutações.